

Quando o *self* (con)funde-se com a ficção: narrativas de si como protocolos de leitura em livros-aplicativos

*When the self confuses itself with the fiction:
 narratives of yourselves as reading protocols in book's apps*

Carina Ochi Flexor¹
 Guilherme Ricardo Oliveira Alves²
 Laura Aguiar Albuquerque³

Resumo

A cultura digital vem provocando mudanças nas experiências leitoras, sobretudo quando se observa o universo dos livros-aplicativos, uma vez que, além de incorporarem distintos atores que participam da sua tessitura, apontam para novos protocolos de leitura que impactam diretamente sobre as narrativas. A partir da pesquisa bibliográfica e da observação de objetos empíricos e, ainda, de caráter qualitativo-exploratório, o artigo – considerando a possibilidade de colaboração em rede e da captura de dados dos sujeitos-leitores pelos sistemas –, reflete acerca das implicações dos protocolos de leitura incidentes sobre tais objetos livrescos, fazendo ver o estreitamento entre as narrativas ficcionais e as narrativas particulares de cada legente.

Palavras-chave: cultura digital, livro-aplicativo, protocolos de leitura, narrativas de si.

Abstract

The digital culture has been provoking changes in the reader's experiences, especially when one observes the universe of the app-books, since, in addition to incorporating different actors that participate in its construction, they point to new reading protocols that directly impact the narratives. Based on the bibliographical research and the observation of empirical objects and also on a qualitative-exploratory nature, the article - considering the possibility of network collaboration and the capture of data of the subjects-readers by the systems - reflects on the implications of the protocols of reading on such bookish objects, making one see the narrowing between fictional narratives and the particular narratives of each reader.

Keywords: digital culture, appbook, reading protocols, self-narratives.

¹ Carina Ochi Flexor é docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFS). Doutorado e mestrado em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Mídias Interativas (UFG) e do Laboratório de Análise de Visualidades, Narrativas e Tecnologia (UFS).

² Guilherme Ricardo Oliveira Alves é graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (UFS), mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFS) e pesquisador do Laboratório de Análise de Visualidades, Narrativas e Tecnologia (UFS).

³ Laura Aguiar Albuquerque É graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (ufs) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM – UFS) e e pesquisadora do Laboratório de Análise de Visualidades, Narrativas e Tecnologia (UFS).

Livro -aplicativo: muito além da leitura

Refletir sobre as narrativas livrescas no contexto da cultura digital requer ultrapassar o deslumbramento (ROCHA, 2010) midiático, muitas vezes, promovido pelas constantes atualizações de **softwares** e **hardwares**, bem como pelo fetiche dirigido às interfaces gráficas cada vez mais interativas e pervasivas. Mais além, compreender o fenômeno livro digital também exige que se transponha os processos de equiparação para com seu análogo impresso, uma vez que se mostram – livro impresso e livro digital – objetos/fenômenos absolutamente particulares. Disse isso, pois o objeto livresco em ambiente digital, assim como os demais produtos culturais no atual cenário, apresenta mudanças que derivam da ontologia, epistemologia e pragmática computacional (MANOVICH, 2013) e que, em última instância, impactam sobre sua materialidade e modos de conformação e registro informacional, reverberando, notadamente, sobre o tecer narrativo e, consequentemente, sobre a experiência da leitura. Essas citadas transformações sinalizam, ainda, para oscilações expressivas nos modos de produção-recepção, independente, inclusive, do grau de iconicidade presente nas **affordances** e metáforas gráficas de interfaces recorrentes, fundamentalmente, nas primeiras manifestações livrescas⁴.

Se o livro, historicamente, foi reconhecido como resultado da combinação das características e modos de registro da escrita – envolvendo os instrumentos e técnicas de fixação do verbo – e as particularidades do suporte sobre o qual ela se depositara, com o advento da digitalização da informação, a matéria livresca é acomodada em uma base que possui propriedades que reconfiguram o objeto e, sobretudo, transformam a linguagem verbocovisual em uma espécie de membrana visível e legível de uma linguagem discreta.

Destarte, diante da quebra do polo de emissão, conexão generalizada e lógicas de convergência e transmídia, as narrativas livrescas parecem antes exigir que se faça notar que sua tessitura é antes atravessada por distintos e novos atores, inclusive o próprio leitor que agora se arvora não só a colher pedaços aqui e ali do universo narrativo de seu interesse como, mormente, passa a participar da textura do obra a partir do aporte de conteúdo multimodal e dados captados através de seus rastros digitais, tecendo narrativas de si a partir da manipulação e consumo do conteúdo ficcional dado pelo livro-**software**.

Esse tecer que implica em um revezamento entre leitura e escritura aponta o livro como um ambiente de atividades mistas em que os leitores usufruem de uma dada liberdade criativa, autorando⁵ textos, imagens e sons, embora sempre dentro das possibilidades estabelecidas pelos protocolos de leitura inscritos na matéria livresca, em especial, dos protocolos inscritos no sistema – na programação –, implicando em reconhecer que “todas as encenações possíveis do interator serão chamadas à existência pelo autor original” (MURRAY, 2003, p. 149). De certo, essa ambiência, que convoca o leitor à colaboração aquece não só as discussões acerca da noção de autoria, como, também, faz notar o impacto desses aportes de conteúdo multimodal e de dados nas conformações narrativas e, consequentemente, sobre as experiências leitoras.

Assim, partindo da pesquisa bibliográfica e da observação de objetos empíricos e, ainda, de caráter qualitativo-exploratório, o artigo – considerando a possibilidade de colaboração em rede e

⁴ Referem-se aos livros cujos modos de se apresentar nas interfaces gráficas observam lógicas de mimese ou remediação (BOLTER; GRUSIN, 2002) do livro impresso como pertencentes a uma categoria denominada de **Transposição** (FLEXOR, 2012).

⁵ A noção de autorar é empregada no sentido de denotar que, de forma dirigida e restrita, o sujeito é tem a liberdade de criar seu próprio universo durante sua experiência com o livro.

da captura de dados dos sujeitos-leitores pelos sistemas – tem como objetivo refletir acerca das implicações dos protocolos de leitura incidentes sobre os livros-aplicativos⁶, fazendo ver o estreitamento entre as narrativas ficcionais e as narrativas particulares de cada legente.

Com esse fim, adotou-se como abordagens teórico-metodológicas, não só as noções acerca dos citados protocolos de leitura propostos por Chartier (2011) e a perspectiva adotada por Manovich (2001) acerca da ontologia da mídia digital, como, sobretudo, os pressupostos dramáticos discutidos por Goffman (2014), com o intuito de fazer aproximar as narrativas e representações do eu em ambiência digital – enquanto protocolos demarcados pelos muitos leitores – e as livrescas, – a priori, legitimadas por um autor – que, por sua vez, imputa protocolos que lhe são particulares. De certo, a problemática aqui exposta aponta para a materialidade do livro digital como ela mesma propulsora de transformações que, ademais tantas outras questões, indica uma pronunciada e crescente colaboração do sujeito-leitor e, nesse sentido, constantes atualizações e movimentações narrativas que, inclusive, se alteram em função dos trajetos de leitura de cada legente, dados a partir dos **protocolos no espaço**.

Da ontologia e dos protocolos de leitura do livro-aplicativo

A gênese das mudanças nos modos de ler na contemporaneidade parece apontar, em primeira instância, para a ruptura paradigmática da materialidade livresca, uma vez que as transformações observadas no livro indicam o descolamento da matéria a ser lida dos suportes de outrora – quando as particularidades técnicas envolvidas na sua confecção ajudaram a definir os seus próprios atributos, como no caso do cinema, da fotografia, da pintura e, também, do livro (MANOVICH, 2013, p. 23) –, alicerçando-se em uma base comum manifesta a partir da convergência de mídias e linguagens – inclusive computacional –, reunindo lógicas de mineração de dados e propriedades de **software**. Contaminado pela sintaxe computacional, esse livro aponta para a combinação de algoritmos e estrutura de dados (MANOVICH, 2001), tendo os **softwares** como mediadores, distanciando-se das antigas bases constitutivas de antanho, antes alicerçadas na escrita e no suporte material fixo.

Notadamente, fortalecendo, ao longo do tempo, os lastros culturais que o elevaram à condição de referência, o livro impresso demarcou agentes envolvidos em sua cadeia produtiva. Mais além, fez internalizar práticas e protocolos de leitura (CHARTIER, 2011) que viriam a determinar a relação livro-leitor, tangenciando as experiências leitoras ao longo das formações culturais e, inclusive, reverberando, fortemente, sobre as práticas mediadas pelo livro digital.

Na tentativa de evitar o obnubilamento crítico provocado pelo deslumbramento natural dos adventos tecnológicos e recursos técnicos, e reconhecendo que as tecnologias interferem diretamente na forma de pensar de uma época, mobilizando modelos específicos em um contexto geral de experiência, o presente texto adotou, como salientado, enquanto premissa teórico-metodológica, as noções propostas por Chartier (2011) acerca dos protocolos de leitura do livro impresso, buscando com isso, em um segundo momento, reconhecer os protocolos próprios ensejados pelos livros-aplicativos. Nesse sentido, se reconhece não só a materialidade do livro-aplicativo como propulsora de transformações nas conformações narrativas e, conseqüentemente, na experiência da leitura em ambiente digital, como também os distintos sujeitos envolvidos na produção livresca e, por isso, demandantes de vestígios endereçados à experiência em si. No caso

⁶ Os livros-aplicativos referem-se à categoria livresca que não se restringem, a priori, a formatos nem marcadores indiciais à cultura impressa e, estando estes enquadrados no universo dos **softwares**, carregam o mesmo potencial de desenvolvimento que os jogos eletrônicos ou demais aplicações voltadas ao uso/produção de conteúdo multimídia (FLEXOR, 2012, p. 75).

desse texto, centra-se a discussão, em especial, sobre um dos atores envolvidos no processo de produção/consumo – agora partícipe da tessitura da narrativa livresca –, o leitor.

Nesse horizonte, com o objetivo de fazer notar os protocolos de leitura dos livros-aplicativos, considerando a ontologia do objeto em si, adotou-se como ponto de partida as noções acerca dos protocolos do livro impresso, base-norte para se observar os novos agentes e, conseqüentemente, os atuais vestígios que impactam sobre as narrativas contemporâneas plasmadas nos citados objetos livrescos. Assim, acerca dessa questão, Chartier (1994, p. 185) considera que a dinâmica da experiência da leitura passa, antes, pela matéria livresca e pelos modos de sua produção, o que faz perceber que, enquanto produto cultural, o livro vive ao sabor de transformações que respondem antes às demandas do contexto social, o que, em última instância, faz notar que o aspecto físico do livro vem se modificando juntamente com a escrita e a evolução dos discursos (CHARTIER, 2011, p. 8).

O autor ainda registra que não considerar a materialidade em si incorre em deixar de notar que os atos de leitura – que dão aos textos significações plurais e móveis – situam-se no encontro das maneiras de ler, coletivas ou individuais, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor, mas também por seu editor. Chartier (2011) afirma que são, justamente, esses protocolos de leitura que trabalham para imprimir no texto a imagem do que ele denomina de leitor ideal – noção de leitor-modelo em Eco (1998). De outra forma, o leitor ideal, diferente do leitor real, é construído frente à produção do texto (**protocolos do autor**) e da produção do livro (**protocolos do editor**), evidenciando não só os vínculos dos atores envolvidos – autor/editor/leitor –, como, também, a relação escrita/suporte – técnica/leitura que corroboram para a produção de sentido e, sobretudo, para a experiência em si.

Nessa perspectiva, então, Chartier (2011, p. 10) propôs atentar-se, na matéria a ser lida, para a existência dos protocolos de leitura, ou seja, vestígios ou índices capazes de encaminhar as condutas leitoras, como um conjunto de dispositivos que acabam por mediar a experiência do ler, conduzindo, a priori, ao uso adequado da matéria da leitura, ao mesmo tempo que esboça o seu leitor ideal/modelo. (CHARTIER, 2011; ECO, 1988). Assim, acerca de tais protocolos, no contexto do livro impresso, o autor identifica dois tipos de vestígios privilegiados que são circunscritos na materialidade livresca e que estariam, de uma forma mais ampla, a impactar as experiências de leitura.

O primeiro diz respeito aos elementos que determinado autor dissemina pelo texto de modo a assegurar, ou ao menos indicar, “a correta interpretação que se deveria dar a ele” (CHARTIER, 2011, p.10). De outro modo, poder-se-ia dizer, então, que esses protocolos de leitura – denominados de protocolos do autor ou de autoria – inscrevem no texto a imagem de um leitor ideal (CHARTIER, 2011), cuja competência adequada decodificaria o sentido preciso com que o autor pretendeu escrevê-lo. Mais além, tal perspectiva indica ainda que são estes protocolos que, em última instância, estariam a corroborar com a constituição do leitor-modelo, como “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p. 14). O autor de dada publicação, quando da produção da narrativa, estaria a buscar inscrever no texto um conjunto de dispositivos – protocolos de leitura – que pudessem dirigir o sentido intentado, como uma espécie de leitura por ele autorizada. Acerca da questão, o citado autor registra:

[...] podemos definir como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção (CHARTIER, 2001, p. 96).

Sobre essa citação, destacam-se, o uso de duas palavras por parte do autor que incorrem em reflexões relevantes acerca dos protocolos de leitura. A primeira é o uso do termo “senhas” para se referir a tais vestígios como se estes denotassem não somente um requisito para a apropriação do texto, como uma licença autorizada de sentido que seria permitida pelo autor. Essa questão ilustra, de outra maneira, que a leitura em si – *intentio lectoris* – é tão somente atravessada, ao que se refere aos procedimentos e processos hermenêuticos, pelos parâmetros dados pelo autor – *intentio auctoris*. Soma-se, também, o uso da palavra “intenção” que, em última instância, faz refletir sobre os atravessamentos de várias intenções produtivas/criativas gestadas pelos agentes que participam da tessitura livresca, além da suposta autonomia textual – *intentio operis* (Eco, 2008). Além dos protocolos do autor, Chartier (2011) ainda se refere a um outro tipo de vestígio – por ele denominado de protocolos do editor ou de edição –, que, por sua vez, se refere ao que se produz na própria matéria, de modo a favorecer certa extensão da leitura e também a esboçar o seu leitor ideal. O que os protocolos de edição ou impressão evidenciam é que, conforme afirma Chartier (2011) “a reflexão a propósito do suporte material é fundamental para a determinação da efetuação nas práticas e experiências de leitura”. A materialidade do suporte passa a ser, conforme o próprio autor registrou, “inalienável do espírito das representações a que seus usos deram margem” (CHARTIER, 2011, p. 54).

Desse modo, os dispositivos inscritos pelo autor somam-se àqueles empregados pelo editor que, por si, transforma o texto em objeto que é destinado à leitura, conformando a narrativa sobre o objeto livresco. Responsável pela seleção e adequação, por vezes, dos textos e das orientações gerais do projeto gráfico, o editor promove o encontro entre o objeto livresco e seu público leitor. Através de intervenções – que vão desde a redução do número de páginas e capítulos a sugestão de títulos e imagens –, o editor “como empreendedor singular [...] cuja atividade se faz em igualdade com a dos autores” (CHARTIER, 2011, p. 54) busca alcançar as competências que imagina ser do público que pretende atingir, promovendo relações frequentemente difíceis e tensas” com os autores.

Essa última questão, por certo, reforça a ideia de que há um distanciamento dos protocolos chamados do autor e do editor nos livros impressos (CHARTIER, 2011, p. 55), o que faz do objeto livresco, antes, um terreno de conflitos de interesses e de valores. De um lado, editores responsáveis por produzir “dentro de determinados padrões literários e gráfico-estéticos, uma obra destinada à divulgação comercial” (ARAÚJO, 2008, p. 38) e, de outro, autores cujas premissas orientam-se geralmente por questões de ordem da criação, da estética e visões de mundo. Dito de uma outra maneira, essa questão aponta, então, para uma quase sempre tendência a dissonância entre os protocolos de leitura ou vestígios demarcados por autores e editores o que, em última instância, assinala para uma pronunciada caracterização de leitores ideais distintos, uma vez que tais índices imputados na matéria são antes atravessados por filtros de valor e interesses diversos, como dito. Tais dissintonias não só reverberam sobre a conformação do objeto livresco, como, sobretudo, sobre as experiências leitoras. Se a ideia de leitor-modelo em Eco (1988) diz de um leitor que é construído **pelo e no** texto – nos modos de construção do enunciado e da enunciação –, recorrentemente, então, observa-se um distanciamento dos protocolos chamados de autoria e edição nos livros impressos, apontando para dissonâncias protocolares.

A produção livresca, desse modo, envolve escolhas que são antes demarcadas com vistas a horizontes culturais, ideológicos e econômicos/ mercadológicos que norteiam a concepção do livro e espelham os interesses particulares de editores e autores e todos agentes influentes da cadeia produtiva. Assim, desde a seleção do texto – com os ajustes sugeridos pelo editor – até a seleção de imagens, elementos gráficos predominantes e destaques dados a elementos verbovisuais, constituem-se em dispositivos inscritos pelos agentes produtores da obra – autor e editor – que

demarcam, a partir de um jogo de intenções, vestígios que são endereçados aos leitores e que exercem forte influência sobre a experiência mesma com a obra/narrativa e com o objeto em si.

Partindo desse horizonte, ao considerar as peculiaridades da *new media*, observa-se que as experiências leitoras são, doravante, tangenciadas por outros tipos de vestígios ou protocolos de leitura que impactam diretamente em suas conformações narrativas. Além dos já reconhecidos protocolos identificados por Chartier – os de autoria e os de edição –, torna-se premente legitimar três outros condutores de vestígios implicados na matéria livresca: os **protocolos do sistema**, os **protocolos na leitura** e os **protocolos no espaço**.

Admitir, nos livros digitais, os **protocolos do sistema** é aceitar que a sua natureza mesma – fundamentalmente a partir da camada computacional mediada por **software** –, é capaz de endereçar vestígios à leitura. É essa natureza – respaldada pela estrutura procedimental da internet e seu conjunto de regras contidas no protocolo TCP/IP e sua capacidade de executar uma série de regras programáveis – que faz reconhecer os denominados **protocolos do sistema**, que, a sua maneira, endereçam vestígios à atividade leitora. Se a procedimentalidade prediz de um processo de realização de tarefas e ações executadas pelos **softwares** que definem o que pode ser operado na interação com o livro, reconhece-se, então, que são as regras inscritas no código de programação na camada computacional que endereçam índices que conduzem a experiência leitora através de suas representações na camada cultural das interfaces gráficas. Se essas representações parecem viabilizar a manipulação de textos, imagens e sons, os **softwares**, por sua vez, é que efetivamente determinam o que se pode fazer com elas. Pode-se, dessa maneira, afirmar que os modos de acesso ao livro enquanto **software** são, antes, resultado de escolhas conformadas por desenvolvedores e/ou empresas que concebem a aplicação.

Ademais, os movimentos de colaborar e se deslocar – no cotidiano ordinário do sujeito durante a atividade do ler – apontam para novos vestígios que afetam a narrativa e a experiência da leitura em uma esfera coletiva, bem distinta dos modos circunscritos pelos livros de antanho. Propiciada pela quebra do polo da emissão e ubiquidade dos **hardwares**, a matéria livresca se abre às apropriações de múltiplos leitores que, por sua vez, originam vestígios aqui denominados de **protocolos na leitura**⁷, de outra maneira, vestígios gerados por múltiplos legentes – durante a experiência mesma da leitura –, a partir de aportes de conteúdos multimodal e de dados capturados pelo livro-**software** e/ou pelo **hardware** de leitura. Assim, ao convocar os muitos legentes a produzirem narrativas quando da experiência da leitura, a narrativa ficcional torna-se um híbrido que vive ao sabor das muitas e distintas narrativas de si que saltam em trechos de sua estrutura e que impactam, de certo, sobre as múltiplas experiências do ler.

Concomitantemente, observa-se que a noção participativa – corroborada pela locatividade⁸ dos **hardwares** de leitura – autoriza o sujeito a levar a atividade do ler para seu cotidiano, relacionando-a com outras atividades corriqueiras, aproximando a experiência da leitura, antes reclusa em salas especiais, das muitas atividades realizadas durante os deslocamentos ordinários daqueles que leem. Ao fazer isso, se faz notar que o espaço por onde circula o sujeito, durante a

⁷ Optou-se por denominar os vestígios demarcados pelos leitores de **Protocolos na Leitura** e não do Leitor ou da Leitura, pois buscou-se enfatizar a ideia de que tais índices são depositados na matéria livresca quando da experiência do ler em si, englobando, desse modo, os legentes em seu processo de leitura-tessitura.

⁸ Refere-se à característica da mídia em abarcar um conjunto de tecnologias e processos infocomunicacionais em que os conteúdos estão vinculados a um lugar. (LEMOS, 2010).

atividade da leitura, abster-se de neutralidade,⁹ passa, de modo similar, a imputar vestígios sobre o livro-*software*. Reconhece-se também um conjunto de índices aqui denominados de **protocolos no espaço**¹⁰, vestígios demarcados pelas andanças em que a leitura hoje se circunscreve. No que pesam tais protocolos, salienta-se que ao admitir que o deslocamento do livro e da leitura dependem de uma ação efetiva do sujeito que lê, presume-se que os **protocolos no espaço** são, antes, esferas ou desdobramentos dos **protocolos na leitura**.

Diante do exposto, claro está que as particularidades materiais que redefinem o objeto livresco agregam novos atores que participam da sua tessitura e, conseqüentemente, imputam protocolos de leitura que lhe são particulares. O presente texto propõe ater-se, com maior enfoque aos **protocolos na leitura**, uma vez que a possibilidade de colaboração dos leitores propicia que narrativas dos seus cotidianos sejam incorporadas à estrutura livresca como **protocolos na leitura**, fenômeno esse particular dos livros-aplicativos.

Narrativas de si como protocolos de leitura em livros-aplicativos

Diante da predição ficcional que emerge no enredo cyberpunk em *Neuromancer* (2016) – narrativa ambientada em cenários sci-fi ultra-futuristas –, o cenário atual aponta para a consolidação do que, outrora, fora previsto, de alguma forma, pela referida ficção, seja através das constantes atualizações dos aparatos tecnológicos, seja pelas transformações paradigmáticas que se evidenciam nos modos de produção e consumo das narrativas – ao que interessa, livrescas –, impactando diretamente sobre os modos de realização da tarefa leitura e, em especial, sobre o sujeito e a própria experiência leitora em si.

Conforme já destacado, o sujeito contemporâneo é arrancado de sua postura contemplativa (SANTAELLA, 2013) e passa a ser convocado a colaborar com a narrativa em desfrute como, muitas vezes, requisito para o consumo livresco. A possibilidade de aporte de conteúdo, prevista pelos sistemas, aponta para os já citados **protocolos na leitura** que se agregam, de forma contínua, à narrativa ficcional que, por sua vez, transforma-se ao sabor da atuação dos muitos legentes interconectados pelo sistema-livro. Embora as possibilidades dadas ao leitor para a interação e colaboração sejam previamente previstas por protocolos dados pelos distintos atores que atuam na cadeia produtiva de tal objeto, por certo, a possibilidade de imputar imagens, sons, textos à narrativa central, abre, por outro lado, uma lacuna quase sempre imprevisível, uma vez que cada legente passa a inscrever ou incorporar ao sistema-livro narrativas particulares de si, tornando, desse modo, o objeto livresco um híbrido sempre em processo de (re)construção. Desse modo, o livro-aplicativo apresenta-se como uma ambiência para múltiplas autonarrativas¹¹ que, por sua vez, vão sendo tecidas no entrecruzar com a narrativa base-ficcional e a de tantos outros legentes-interadores do sistema. Destaca-se que o **input** multimodal ou dados rastreados pelos sistemas acaba por impactar diretamente nos desdobramentos das autonarrativas dos demais leitores e, em alguns casos, da própria narrativa central.

⁹ Destaca-se que com o uso do referido termo, não se está a advogar de uma neutralidade dos espaços da leitura, do contrário, a ideia aqui é ampliar essa noção, na medida em que o sujeito circula lendo – leitura das e nas cidades – e explicitamente esse espaço da leitura é incorporado à narrativa, nesse caso.

¹⁰ Optou-se por nomear tais índices de **protocolos no espaço** e não **do espaço** por razões muito próximas que levaram à denominação dos protocolos que se efetivam durante a atividade do ler. Embora os índices que se dão são antes próprios do espaço particular/local de leitura em si, a contração da preposição e artigo “**no**” faz indicar que estes são também constituídos na própria leitura, outrossim, protocolos que se efetivam no espaço-tempo em que a experiência se conforma.

¹¹ Autonarrativa refere-se à ideia de que os **protocolos na leitura** se conformam a partir de narrativas particulares de cada leitor implicado no sistema-livro.

Essas autonarrativas dizem de múltiplos **protocolos na leitura** que, em outra perspectiva, fazem notar a complexidade ali implicada. De outra maneira, cada leitor, então, deposita sobre a matéria – objeto da leitura – vestígios capazes de encaminhar as posturas leitoras, corroborando, desse modo, com a constituição do leitor-modelo que a sua autonarrativa, em meio a tantas outras, ajuda a criar e para os quais dirige suas publicações.

Outrossim, a característica social do próprio meio viabiliza que os livros se tornem espaços de sociabilidades, como acontece, por exemplo com o **KoboGlo12**. Nessa plataforma, o livro incorpora – além de indicadores de tempo de leitura, localização, mapeamento de amizades, dentre tantas outras informações – uma mídia social, permitindo que não só os leitores dialoguem entre si, como também possam fazer notas em suas margens, bem como ver anotações e marcações de outros leitores, o que, em última instância, demarca índices que interferem nas práticas leitoras na rede. Ademais, livros-aplicativos como **The Silent History13** permitem que os leitores possam imputar trechos de narrativas inseridos nos contextos de suas leituras, possibilitando que leitores distribuídos (ASCOTT, 1997) possam partilhar e acessar as narrativas produzidas por outros legentes. Essa característica do livro em contexto digital, por certo, permite uma espécie de interação, mediada por tecnologias da informação e comunicação, que, doravante, passa por um contexto em que os leitores gerenciam e legitimam os enunciados uns dos outros em um fluxo contínuo de interações. Nesse sentido, o livro enquanto ambiência digital e espaço de representação permite que se possa observar as performances de cada legente e as impressões feitas pelos sujeitos envolvidos na vida cotidiana.

Segundo Goffman (2014), as interações são como representações teatrais dadas em um dado meio que apontam para a constituição de “fachadas” que cada sujeito-ator passa a gerenciar com o intuito de gerar impressões de si para o seu público-platéia. Nesse horizonte, o que se pode notar é que o livro em contexto digital, ao permitir a colaboração e interação de/entre leitores, transforma as relações livro – leitor – autor em definitivo. De certo, o leitor além do papel outrora assumido, passa a cocriar – e mesmo autorizar a captura de dados particulares através dos dispositivos – e, ao mesmo tempo, gerenciar impressões de si no ambiente livro. Tal questão, claramente, aponta para aproximações e, mesmo, a interpenetração das autonarrativas dos distintos legentes à narrativa central ficcional. Notadamente, essas autonarrativas (con)fundem-se com a narrativa de um autor legitimado como tal, fazendo emergir um cenário complexo de performances e representações que são influenciados por dada narrativa central e, por vezes, pelos espaços da leitura como acontece com o já citado **appbook The Silent History**.

É preciso também atentar-se para o fato de que os dados capturados pelo livro-**software** e/ou pelo **hardware** de leitura passam a impactar sobre a narrativa apresentada e, claro, sobre a experiência do ler em si. A narrativa ficcional, nesse caso, pode se apresentar de forma particular a cada sujeito-leitor, do mesmo modo que o **input** multimodal sofre com as particularidades nos modos de visualização e acesso ao livro por parte de cada leitor.

De fato, a atuação do leitor frente ao livro alterou-se em definitivo. O homem inteligente nos territórios (SANTAELLA, 2003) vem passando por transformações nos modos de lidar com o objeto livresco, modificando as habilidades antes exigidas, readequando-se às interações sociais mediadas por dispositivos tecnológicos, reverberando em novas formas de exposição e gerenciamento das narrativas que produz e assume de si em cada situação/meio em que se encontra. Desse modo, poder-se-ia pensar que cada livro-aplicativo, em função da narrativa ficcional central, pode se

¹² É um leitor de livros digitais, especificamente, de livros-arquivos em formatos e-pub e pdf.

¹³ Livro-aplicativo produzido pela Sudden Oak e disponível para **download** em <http://www.thesilenthistory.com>.

ISSN 2358-0488 – Anales del VI Simpósio Internacional de Innovación en Medios Interactivos. Mutaciones. ROCHA, Cleomar; GROISMAN, Martin (Orgs). Buenos Aires: Media Lab / Universidad de Buenos Aires, 2019.

apresentar como uma nova situação em que o mesmo leitor pode assumir representações de si, através das autonarrativas criadas, distintas e particulares. O livro-aplicativo, então, é potencialmente espaço-tempo de intertextualidades (PLAZA, 1990) que, por sua vez, corroboram com a construção de narrativas coletivas do eu, promovendo o imbricamento de histórias de si que partem da narrativa central, mas que se transformam na medida em que é interpenetrado por tantas outras autonarrativas.

Essa questão indica, ainda, que, embora a leitura seja de fato parametrizada por protocolos de leitura imputados na matéria livresca por distintos atores que participam da sua contextura, notadamente, as narrativas de si observadas como **protocolos na leitura** indicam uma pronunciada imprevisibilidade da obra que, ademais, apontam a narrativa central como “uma obra realizada, ponto de chegada de uma produção e ponto de partida de uma consumação que, articulando-se, volta a dar vida, sempre e de novo, a forma inicial, através de perspectivas diversas” (ECO, 1991, p. 28). Nesse horizonte, de outra forma, o autor – com a narrativa ficcional – assume o papel de propositador, provocador da participação do leitor que, por sua vez, desempenha o papel daquele que vivencia as possibilidades antes demarcadas pelos muitos protocolos do livro, fazendo da leitura um acontecimento que pressupõe a sua participação através de narrativas por ele criada. Ademais, fica evidente que a inscrição de **protocolos na leitura** – enquanto instrumento que impacta e interfere na construção de (auto)narrativas –, aponta para o objeto livresco como agente que também corrobora com a redefinição das noções de interação em um nível microssocial, transformando, em definitivo, as concepções das narrativas livrescas.

Considerações finais: quando o *self* (con)funde-se com a ficção

A partir das discussões sumariamente acima apresentadas, pode-se aferir que o livros-aplicativos – observando a sua constituição mesma –, expandem as noções acerca dos protocolos de leitura anteriormente demarcados pelo/no livro impresso, fazendo ver, dentre outros protocolos, aqueles que são gestados por múltiplos leitores durante a experiência mesma da leitura. Tais vestígios, aqui denominados de **protocolos na leitura**, ensejam impactos nem sempre previstos em sua totalidade pelo sistema-livro sobre as narrativas livrescas, apontando para, já citada, aproximação da narrativa ficcional das múltiplas narrativas de si dos distintos legentes de uma dada publicação.

Além disso, fica claro que a evolução tecnológica em torno do universo livresco tem influenciado e redefinido paulatinamente o cenário da produção e acesso de conteúdos, fenômeno que perpassa pela figura do sujeito-leitor que, por sua vez, tem suas habilidades ampliadas como resposta à interação requerida pelo meio sócio-técnico e que, notadamente, extrapola o objeto livresco. As experiências leitoras na cultura digital mediadas por livros-aplicativos (con)fundem as narrativas ficcionais e as narrativas de si – tecendo seus enredos nas intermitências físico-informacional do espaço híbrido –, fazendo do próprio objeto livresco um instrumento que soma ao seu papel de memória e conhecimento, também o de espaço de criação e socialização, remontando ao **status quo** dos objetos da nova mídia, que altera os modos de produzir, circular e consumir informações (MANOVICH, 2001), incluindo as narrativas. Nesse horizonte, ainda, destaca-se que esse grau de constante participação e interferência dos vários sujeitos no conteúdo, imputando e disponibilizando seus próprios **protocolos na leitura** durante sua experiência, traz à tona um tensionamento, ainda maior, entre as acepções de leitor-modelo e empírico.

Por fim, infere-se também que, as narrativas de si enquanto **protocolos na leitura**, abrem espaço para se refletir sobre as dissonâncias protocolares já destacadas por Chartier (2011), uma vez que amplia-se o número de agentes envolvidos na tessitura da obra que, como já destacado, certamente são motivados por interesses e valores distintos. Os protocolos na leitura – como aportes

de conteúdo multimodal e dados dos distintos leitores de um livro –, implicam, em especial, em distintos interesses, de outra forma, de diferentes representações e intenções de gerenciamento de imagem de si o que, nessa perspectiva, acaba por acirrar as dissonâncias protocolares citadas.

Referências

- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- ASCOTT, Roy. Cultivando o hipercórtex. In: DOMINGUES, Diana (Org.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997. p. 336-344.
- AYRES, M., RIBEIRO, J. C.. **A representação de si em interações sociais mediadas por instant messengers: O Caso WhatsApp**. Trabalho apresentado no Intercom. Rio de Janeiro: 2015.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. Cambridge and London: The MIT Press, 2002.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, Roger.. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- _____. **Cultura escrita, literatura e história**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. **A ordem dos livros**. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora UnB, 1994.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Tradução de Giovanni Cutolo. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- _____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FLEXOR, C. **Appbook Raízes: bibliogênese e devir livro**. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- GIBSON, William. **Neuromancer**. 5. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2016.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Tradução de Mauro Gama. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2010.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. - São Paulo: Aleph, 2009. Tradução: Susana Alexandria.
- LEMONS, André. Jogos móveis locativos: cibercultura, espaço urbano e mídia locativa. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p. 54-65, 2010.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 1999. Tradução de Carlos Irineu da Costa.
- MANOVICH, Lev. **Software takes command**. New York: Bloomsbury Academic, 2013.

_____. **The language of the new media**. Massachusetts: MIT Press, 2001.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. **Big data**: a revolution that will transform how we live, work and think. Boston: John Murray Publisher, 2013.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural; Unesp, 2003.

PLAZA, Julio. **Arte e interatividade**: autor-obra-recepção. Maio 2000. Disponível em: <[http://www.plural.com.br/jplaza/texto01.m\[18nov2003\]](http://www.plural.com.br/jplaza/texto01.m[18nov2003])>. Acesso em: abr. 2018.

ROCHA, Cleomar. **Da imanência ao inacabado**: estéticas comunicacionais e interatividade na arte tecnológica. 2004. 220 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

_____. **Interface computacionais e experiência sensível**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS “ENTRE TERRITÓRIOS”, 19., 2010, Cachoeira-BA.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Porto Alegre: Revista Famecos, 2003.